

O CONFLITO DE VÊNUS E DE BACO EM OS LUSÍADAS

A presença das deidades gentílicas em *Os Lusíadas* torna-se necessária não só por constituir deleite (1), mas principalmente por causa da própria estrutura que Luís de Camões resolveu adotar para seu poema. Ao aceitar em linhas gerais, a orgânica das epopéias clássicas e particularmente a da *Eneida*, Camões não poderia prescindir das personagens pagãs. A presença do maravilhoso pagão, além de ser reclamada pelo espírito do momento histórico, era imprescindível a Luís de Camões porque, através do plano mitológico, pretendia apontarnos a nova modalidade de civilização que se ia introduzindo no mundo mediante a ação lusíada.

Na época do Renascimento, sempre que se falava em poesia épica, andavam os olhos postos em Homero e Vergílio. O estilo destes épicos deslumbrava então todos os espíritos cultos e não foi difícil ver que seus poemas, ao envolver os feitos dos heróis com ficções mitológicas, criavam permanente ambiente de beleza. O tom irreal e a intimidade do humano e do divino, revelados pelos poemas greco-latinos atraíram a atenção dos poetas renascentistas, sendo os mesmos levados a adotar os processos de que tinham feito uso os épicos da Antigüidade.

Diante da realidade histórica, porém, como justificar a presença da mitologia? Como harmonizar a pedagogia olímpica dos antigos e a recente viagem de Vasco da Gama? Camões encontraria a solução. Para tanto estrutura a viagem de Gama em dois planos, de modo que deuses e homens tivessem interesse e ação na Fábula, mas que os deuses se agitassem num plano e os homens noutro. Evitar-se-ia o mais possível o contacto das deidades com a realidade, e o plano humano ignorar-la, até sua junção com o divino na Ilha Namorada, a existência do plano mitológico. Gama não teria qualquer parentesco com os deuses, mas seria um homem do seu tempo, com características próprias, desconhecendo o mais possível

a presença das deidades gentílicas. Não só ele, como seus marinheiros (2). Estrutura Camões a viagem de Gama à Índia, de modo que os planos, — o divino e o humano — corram paralelos, mas independentes. Na viagem de Ida, ainda que os deuses acompanhem Vasco da Gama ignotos, nem por isso deixam de intervir com frequência nas decisões do Ilustre Capitão, seja em benefício, seja em prejuízo dos navegantes lusos. Das personagens olímpicas são Baco e Vênus as que mais se movimentam, e para integrar suas intervenções na ação lusíada adota Camões o processo do disfarce humano e o da intervenção do milagre. O primeiro aplica-se a Baco, o segundo a Vênus. Tendo de tratar diretamente com os mouros, Baco se disfarçará em homem e terá como característica fundamental de seu comportamento a astúcia. Quanto a Vênus, suas intervenções se verificarão naquelas circunstâncias históricas da viagem, em que os historiadores vlam o milagre, a vontade expressa de Deus (3). É o que podemos ver, por exemplo, numa das intervenções da deusa do Amor. Em certa altura do poema diz o Poeta:

"Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos contrários a desvia
Donde o piloto falso a leva e gula" (I, 100).

Antes de escrever tais versos lera Camões em Castanheda: "E elles se desculpavão cõ ho vento ser muyto, e as corrêtes grãdes, e que singrarão as naos mais do que elles cuydarão. E porem a elles pesou mais de a não tomarem que a elle, porque esperavão de se vingar all dele e dos nossos, com morte de todos: de que os nosso senhor livrou milagrosamente, que se lá forão nenhũ escapara, porque Vasco da Gama cuydando que a terra era de Christãos ouvera de sayr fora" (4). E em João de Barros: "Mas aprouve a Deos que posto que Vasco da Gama lhe disse que o levasse a esta cidade, não succedeo o negocio como o mouro desejava, porque cõ as grandes corrêtes hũa noite escoreo o porto" (5). Tendo Luís de Camões visto que um historiador conta que milagrosamente, e outro que por assim ser Deus servido Gama se salvara das insídias dos mouros, vale-se do ensejo para que Vênus intervenha e a ela seja atribuída a salvação dos portugueses.

No plano divino, com Vênus e Baco, dá nos o Poeta alguns dos momentos de maior encanto de *Os Lusíadas*. Figuras antagônicas, Baco e Vênus se debatem pela glória, e o que leva ambos a se defrontarem é o renome que cada qual reclama para si. Sabe Vênus, por intermédio das Parcas, que os novos descobridores a terão em grande apreço nas regiões por onde se estenderem, e Baco de modo algum pretende ceder aos navegantes lusos a glória que poetas e historiadores lhe têm dedicado através dos séculos. A Índia era conquista sua, reino dele, que passaria aos portugueses. Os motivos do conflito entre as duas deidades no-los são apontados pelo Poeta em diversas passagens do poema:

"... porque das Parcas claro entende
Que há-de ser celebrada a clara Déia,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem" (I, 34);
"Vê que já teve o Indo sojugado
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
De água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam" (I, 32),

e ainda, nas palavras de Vênus:

"Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão-de venerar e ter em preço" (IX, 38).

Na intervenção de Marie pode-se ver o comportamento incoerente de Baco. Nenhuma razão teria esta deidade para opor-se aos portugueses se não fora o temor de perder sua influência em terras indianas. Não eram os lusitanos descendentes de Luso, companheiro de Baco? Somente o medo e a inveja poderiam mover Baco a semelhante atitude (6).

O conflito entre as deidades olímpicas se nos depara como elemento de real importância no cenário poético de *Os Lusíadas*, visto, na ausência dele, perder o poema parte do que de mais belo possui. O enredo entre Vênus e Baco é tomado de Vergílio que, na *Enéida*, descreve de modo admirável a luta de Juno contra os troianos e os trabalhos de Vênus a favor de Enéias. Na epopéia vergiliana Juno se opõe aos teucros por velejarem estes rumo à Ausônia, onde lançariam as bases do povo, que em futuro não distante lhe aniquilaria Cartago, cidade de sua predileção. Camões procede de modo idêntico. Devendo os portugueses conquistar a Índia e sendo esta domínio de Baco, nada mais natural que o Poeta aproveitasse do ensejo para ostentar-nos os atos hostis de Baco, interessado em conservar sua honra, e a ação de Vênus, a qual se coloca ao lado dos lusos por neles ver os continuadores do povo romano, no valor e no idioma, e por saber que os mesmos a venerarão no Oriente. Que esse conflito poético é engenhosa imitação de Vergílio vê-se do aborrecimento de ambos, Baco e Juno, e do modo apaixonado como discursaram e tratam dos meios para efeito de seu mau intento.

Baco e Vênus debatem-se, aparentemente, por um ideal comum: a Fama. Há, contudo, no conflito das referidas deidades, algo de mais profundo. Sabe-se que Vênus protege os portugueses, entre outras coisas, por

Ihe constar com a certeza do Fado que há de ser estimada e venerada por onde os portugueses dilataram o Império. Ora, o Fado a que Vênus indiretamente se refere é o Fado imanente, ou seja, o valor mesmo dos lusíadas. O elo que liga Vênus ao Fado imanente é o Amor. Sendo a conquista do Oriente obra do esforço do homem português, cujos feitos modificariam profundamente o estado político e cultural de vastas regiões da terra, coloca-se Vênus ao lado de Gama e seus companheiros e opõe-se a Baco por representar este uma situação, que tenderia fatalmente a desaparecer. Seria Vênus, então, a personificação de uma nova modalidade de vida, de uma nova civilização, do homem novo, cujos representantes eram os portugueses. Aliás, o próprio Camões parece referir-se a uma modalidade histórica diferente ao colocar nos lábios de Baco estas palavras:

"Mas há-se de sofrer que o Fado, desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu, co grão Macedônio e o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?" (I, 75).

Bowra viu na protetora dos portugueses a personificação do espírito ocidental e europeu, que encontraria no Oriente nova missão a desempenhar (7). Não tanto o espírito europeu, tomado este no sentido lato que o termo apresenta, cremos nós, senão a mentalidade, o espírito da "pequena casa lusitana". Para Luís de Camões, Vênus não poderia personificar o espírito ocidental tomado no seu todo, pois, muitas das nações européas se haviam afastado do verdadeiro espírito cristão. Muitos povos de Europa são censurados por se terem deixado levar por sentimentos contrários à doutrina de Cristo; Portugal, no entanto, é elogiado por não ter poupado sacrifícios na dilatação da Lei da vida eterna. Censura Camões muitas nações européas por andarem cegas e sedentas do próprio sangue, em vez de se lançarem à luta contra os inféis, e repara, com orgulho, que a Portugal "Não faltaram Cristãos atrevimentos". Em Vênus personificava Luís de Camões o grande ideal lusíada do bem, da ordem, do amor, e com Agostinho da Silva diríamos que "Em Bem geral e Mal na sua generalidade acreditava Camões naturalmente e pressurosamente lá os pôs nos Lusíadas com as figuras de Vênus e de Baco, e já com uma deusa da criação, da ordem e do inteligível, como foi a Vênus de Lucrécio, a impor o entendimento, alguma fraternidade e um humanismo cristão a um deus de delírios, de instintos anti-sociais e de obscuras tormentas. Aqui são eles deuses latinos, não gregos; vêm diretos da epopéia e de um panteon de soldados, de administradores e de engenheiros, e se lhes pressagiará uma vitória de Império, que têm decerto com a chegada à Índia dos portugueses e com as profecias dos sete mares sujeitos, do mar sem fim, pela primeira vez nem grego nem latino" (8).

No seu ódio contra os portugueses opõe-se Baco não só à Fortuna, mas principalmente ao Fado, não ao transcendente, porém ao imanente. Se lhe era impossível resistir ao Fado transcendente, imutável, cabia-lhe, todavia, o direito de opor-se à fortuna, à prosperidade de seus inimigos, numa palavra, combater sem esmorecimento o fado imanente. Parece-nos bem expressiva a seguinte passagem do poema:

"Não será assim porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente" (I, 76).

Tais versos, mais do que a expressão de um estado de espírito, demonstram uma atitude definida, uma tomada de posição contra Vasco da Gama, — e conseqüentemente contra Portugal — a quem foi confiada a missão de chegar à Índia para, posteriormente, ser implantada no Oriente a política lusá.

A luta de Vênus e de Baco levou Camões a por o Concílio olímpico no início do poema. Nem poderia agir de modo diverso, pois necessitava de esclarecer o leitor e melhor cientificá-lo da matéria de sua epopéia. E, com efeito, norma consagrada nas epopéias clássicas preparar o leitor ou ouvinte, dando-lhe prévio e rápido conhecimento do assunto da obra. Homero, no princípio da *Odisseia*, introduz uma assembleia divina, na qual são expostos os motivos do regresso de Ulisses a sua pátria. Também Vergílio e Valério Flaco, se bem que não em concílios olímpicos, dão notícia ao leitor das razões que teve Juno para odiar Enéias e quais as causas, que levaram Pélias a impor a Jasão a expedição de Colcos. Seguindo de perto aos modelos da Antigüidade, não se dá Camões, — como o nota Manuel Pires de Almeida — por satisfeito do que já deixara escrito anteriormente e introduz essa reunião celeste. Tava o Poeta por necessário o Concílio logo na entrada da Narrativa porque, ao expor Júpiter perante os deuses as determinações dos Fados relativas aos portugueses, torna-se o leitor ciente do tratamento mitológico que será dado ao poema, e ao tomar conhecimento do desacordo havido entre algumas das deidades presentes, capacita-se a acompanhar uma das linhas estruturais de *Os Lusíadas*. A assembleia divina nesta altura do poema é imprescindível à orgânica do mesmo e a sua intelecção, pois, além de complementar a informação do assunto, diz-nos o porquê da luta que entre si travam Baco e Vênus.

Com a chegada de Gama à Índia cessa praticamente o conflito de Vênus e de Baco. A vitória de Vênus é pacífica, não obstante a tentativa de, num derradeiro esforço, assumir Baco a aparência de maomé e em sonhos aparecer a um sacerdote muçulmano, conchando os mouros a se acautelarem contra os recém-vindos. A última insidia de Baco não chegará a destruir, — como não o conseguiram as anteriores — Gama e seus companheiros. Como prêmio, pela galhardia com que houveram na empresa que lhes foi confiada, terão os heróis algo inesperado e deslumbrante a satisfazer-lhes a alma e o corpo: a ilha dos Amores! Ali

"... com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitões, e elas mais fermosas,
Enfim, com mil deleites não vulgares" (IX, 41)

terão eles

"Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade" (IX, 20).

A viagem à Índia havia sido o caminho novo para os novos mundos, para a glória. Estando de regresso à pátria, era preciso que os nautas não se desviassem do caminho ascensional de glória que haviam palmilhado. Para tanto, Gama e seus marinheiros seriam postos em plano ideal, em que toda noção de ambiente real se perderia.

Na estrutura das epopéias, o lugar de delícias é traço característico, "que serve para contrastar os trabalhos da vida, com a promessa ou exemplo do ideal" (9). A *Ilha de Vênus* é um reflexo da paisagem ideal, do lugar maravilhoso, que encontramos em muitos poemas épicos anteriores à obra camoniana, e, se não nos enganamos, destas palavras da *Tebaida*:

"O mihi bellorum requies, et sacra uoluptas,
Unaque pax animo!" (10),
"Ó para mim repouso nas guerras, sacro prazer,
e única paz do espírito!",

a partir das quais criaria Camões o lugar edênico, — não espacial e intemporal — em que marinheiros, fustigados do mar e atormentados das trações humanas, teriam em Vênus repouso, encanto, amor. A *Ilha* é também reflexo da *Descida de Enéias aos Infernos*, e como tal, uma catábase. Em Vergílio, como noutros poemas antigos, a catábase é terrestre, no subsolo; em *Os Lusíadas*, porém, a catábase é marítima e na superfície do mar. Na *Descida aos Infernos* depara-se Enéias com um lugar de delícias e outro de tormentos; em *Os Lusíadas* há igualmente um lugar edênico, a *Ilha Namorada*, e o Inferno, representado aqui pelo Oceano.

A *Insula Divina* não é uma ilha qualquer, nem está a terra em mapas, e o adjetivo indica claramente o carácter fantástico do lugar. Os elementos constitutivos da ilha são característicos da Renascença e correspondem ao mundo clássico pagão e ao novo mundo das descobertas marítimas (11). Do mundo pagão bastaria lembrar a presença das ninfas, cujos corpos suavizam os sofrimentos dos marinheiros. Do mundo das descobertas marítimas, não obstante ser a ilha pura criação poética, aproveitaria Camões aspectos físicos, a flora e fauna das terras que os portugueses haviam descoberto.

Na *Ilha dos Amores* vemos concretizado o Ideal de Igualdade do homem com a divindade. Com a Junção do humano com o divino atinge a Humanidade aquele plano ideal, em que homens e deuses não mais se diferenciam, pois ambos participam das mesmas regalias. Com a fusão do plano humano e do divino, passa o homem a comungar da divindade e os deuses, da humanidade. Tornam-se aqui realidade aquelas palavras de Baco:

"..... temo
Que do Mar e do Céu, em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós, humanos" (VI, 29).

Vênus que, como foi dito, se coloca ao lado dos nautas pelo muito de ousadia e valor que neles via, torna-se agora, ela própria, a recompensa a que o fado dos portugueses fizera jus. A ilha, que por sobre as ondas vai de encontro às naus, ramalhete de ninfas, regalo do corpo e do espírito, depara-se-nos como fruto do novo estado de coisas que a Humanidade conheceria graças aos feitos, ao fado pessoal, de cada uma das personagens que o poema revivera. O novo mundo a constituir-se sob a ação benéfica de Portugal é o édem, em que corpo e alma encontram sua realização plena. A união, o progresso, a fraternidade, preconizados pelo novo mundo, proporcionar-lham a comunhão do humano com o divino, único meio capaz de saciar os anseios do homem. Unidas, formosura divina e fortaleza humana restabelecem a harmonia do universo, a qual fora rompida ao separar-se o homem de Deus.

NOTAS

- (1) — Ver canto X, 82
- (2) — V. António Salgado Júnior — *Os Lusíadas e a viagem de Gama. O tratamento mitológico numa realidade histórica*. Porto, Edição da Biblioteca do Clube Fenianos Portuenses, 1939, pp. 18-22
- (3) — Ver, a respeito, as excelentes considerações de António Salgado Júnior, obra citada.
- (4) — Castanheda, Fernão Lopes — *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1833, Liv. I, c. 8
- (5) — Barros, João de — *Ásia: Primeira Década*. Coimbra, Imprensa da Universidade, Edição de António Baião, 1932, Liv. III, c. 5
- (6) — Outra não é a alitude da Juno de Valério Flaco. O ódio de Juno contra Hércules tem origem na defesa da própria honra. Reconhece Juno não poder mudar de resolução por causa de sua glória ultrajada. (*Argonauticon*, Liv. III, 609-620)
- (7) — Bowra, C. Maurice — *From Virgil to Milton*. London, Macmillan & Co. Ltd. 1961, p. 111

- (8) — Silva, George Agostinho da — *As folhas soltas de S. Bento e outras*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1965, I, pp. 6-7
- (9) — Cândido, Antônio — *Estrutura e Função do Caramuru*. *Revista de Letras*, Assis, 1961, vol. 2, p. 54
- (10) — Statius, P. Papinius — *Thebaidos*. Paris, C. L. F. Panckoucke, 1839, Liv. III, 295-296
- (11) — V. Celso Láfer, *O problema dos valores n' Os Lusíadas*. *Revista Camoniana*, São Paulo, Instituto de Estudos Portugueses da Univ. de São Paulo, 1965, vol. 2, pp. 72-108